



Tempo

ISSN: 1413-7704

secretaria.tempo@historia.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Bellini, Lúgia

Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI

Tempo, vol. 10, núm. 19, diciembre, 2005, pp. 27-42

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013390003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

*Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI^{*1}*

*Lígia Bellini^{**}*

O artigo discute um conjunto de imagens e procedimentos analíticos pelos quais o corpo humano e suas partes são descritos e compreendidos em textos portugueses do século XVI, em especial tratados médicos. As representações investigadas envolvem o uso, por analogia, de imagens derivadas da experiência humana em geral. Procurando identificar diferentes usos do argumento analógico, busca-se iluminar as relações entre os autores e certas correntes intelectuais do período, entre elas o humanismo renascentista, o pensamento escolástico e abordagens mais associadas à observação empírica.

Palavras-chave: Imagens do corpo - Saber Médico -Portugal Renascentista.

Images of the body and medical scholarship in sixteenth-century Portugal

The article is concerned with a number of linguistic devices and analytical procedures by means of which the human body and its parts are described and explained in

* Artigo recebido em fevereiro de 2005 e aprovado para publicação em abril de 2005.

** Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Doutora em História pela Universidade de Essex, Inglaterra. Research fellow no King's College (1998-1999) e no Heythrop College (2004 -2005), Universidade de Londres. E-mail: ligiabellini@uol.com.br

¹ O presente artigo foi escrito com base em investigação financiada pelo CNPq (com bolsas de doutorado e produtividade em pesquisa), durante pós-doutorado no Heythrop College, Universidade de Londres, financiado pela CAPES. A tradução das fontes em latim e da bibliografia em língua estrangeira é de minha autoria. Devido a limitações de espaço, optei por não reproduzir aqui trechos da documentação no idioma original.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 27-42

sixteenth-century Portuguese texts, particularly medical treatises. These representations involve the use, by analogical reasoning, of images derived from features of society or general human experience. It is contended that the way thinkers rely on analogical argument can offer insight into their relationship with intellectual trends of the time, among them Renaissance humanism, scholasticism and the empirical current which emerged in the early modern period.

Key words: Images of the body; Medical Scholarship; Renaissance Portugal.

Images du corps et savoir médical dans le Portugal du XVI^e siècle

Cet article discute un ensemble d'images et de procédures analytiques par lesquels le corps humain et ses parties sont décrits et compris dans des textes portugais du XVI^e siècle, en particulier dans des traités médicaux. Les représentations étudiées incluent l'utilisation, par analogie, d'images dérivées de l'expérience humaine en général. En essayant d'identifier différents usages du raisonnement par analogie, on cherche à éclairer les relations entre penseurs et courants intellectuels de la période, notamment l'humanisme de la renaissance, la pensée scolastique et des approches plus fondées sur l'observation empirique.

Mots-clefs : Représentations du Corps - Savoir Médical - Portugal du XVI^e siècle.

Procedimentos heurísticos e ilustrativos, como a analogia e a metáfora, tiveram importante papel na tradição de observação empírica, experimentação e quantificação, que se desenvolveu desde a Antiguidade até a Época Moderna, conquanto se verifiquem, nesta trajetória, descontinuidades e mudanças significativas². Com respeito ao pensamento grego antigo, Geoffrey Lloyd examina um grande número de exemplos em que objetos e fenômenos naturais, que não podiam ser observados através de método experimental direto, foram estudados e explicados por meio de analogia com objetos com os quais os pensadores tinham maior familiaridade³. Nas tradições científicas, este tipo de procedimento é, em geral, subordinado aos demais ní-

² Agnes Arber, "Analogy in the History of Science", M. F. Ashley Montagu (Ed.), *Studies and Essays in the History of Science and Learning, Offered in Homage to George Sarton on the Occasion of his Sixtieth Birthday*, New York, Henry Schuman, 1947, pp. 219-233; Geoffrey E. R. Lloyd, *Polarity and Analogy: Two Types of Argumentation in Early Greek Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 1966, "Part Two"; Brian Vickers (Ed.), *Occult and Scientific Mentalities in the Renaissance*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, *passim*.

³ Para exemplos relativos à investigação de aspectos da biologia humana, ver *Polarity and Analogy*, pp. 325-333 (Empédocles); pp. 345-360 (autores do *Corpus Hipocrático*); pp. 366-380 (Aristóteles).

veis do discurso, que são não-metafóricos, e claramente deles separado. Noutras palavras, tradições científicas reconhecem a diferença entre argumento analógico e demonstração, e estão atentas para o fato de que objetos e fenômenos considerados semelhantes sob certos aspectos podem ser dissimilares sob outros. Isto se verifica no Renascimento e na ciência moderna a partir deste período e, conforme indicado por Brian Vickers, se observa já em pensadores antigos, como Aristóteles e Platão⁴.

Estas características do pensamento científico não se encontram sempre em textos médicos portugueses do século XVI. O presente artigo discute um conjunto de imagens e procedimentos analíticos pelos quais o corpo humano e suas partes são descritos e compreendidos nestes textos. As representações enfocadas envolvem o uso, por analogia, de imagens derivadas da experiência humana em geral. Sua análise ilumina as relações entre pensadores e correntes intelectuais do período, em especial quanto ao desenvolvimento de abordagens mais associadas à observação empírica. Com base em concepção originalmente proposta por Lloyd, postula-se aqui que uma maior cautela no uso de argumento analógico corresponde a um maior desenvolvimento do empirismo no estudo do corpo. Este autor propõe que a clarificação de certas relações lógicas (em particular as de similaridade e identidade, e os diferentes modos de oposição) ocorreu simultaneamente ao crescimento de uma “exigência de demonstrabilidade” no pensamento grego, dos primórdios até Aristóteles⁵.

Uma dificuldade com que o estudioso se depara, ao analisar tratados médicos portugueses sob esta perspectiva, está associada ao fato de que muitos dos artefatos lingüísticos neles utilizados provêm de outros textos, especialmente textos médicos antigos. Isto implica que, para entender o significado destes artefatos, é necessário considerar tanto a fonte original quanto o texto português em que se encontram. A tendência a “sacralizar” a linguagem, característica da tradição de exegese e comentário, dominante entre os pensadores estudados, tem como consequência que certas imagens não parecem particularmente significativas em relação ao imaginário social e cultural no contexto português do século XVI. Cautela especial é requerida na

⁴ Vickers, “Analogy versus Identity: the rejection of occult symbolism, 1580-1680”, Vickers (Ed.), *Occult and Scientific Mentalities...*, *op. cit.*, pp. 95-163.

⁵ Lloyd, *Polarity and Analogy...*, *op. cit.*, esp. “Part Three: Conclusion”.

análise deste tipo de representação e, muitas vezes, a proveniência parece ser a única questão a ser adequadamente proposta. De qualquer forma, representações desta natureza constituem evidência de preeminência da tradição de comentário e da atitude a ela relacionada, de valorização do conhecimento antigo, entre os autores portugueses do período. Por outro lado, é necessário tentar compreender imagens encontradas nas fontes quinhentistas portuguesas em relação ao contexto cultural no qual elas circularam. Por esta razão, procura-se, neste artigo, também abordá-las em relação a “fatores semânticos”, apontados por L. Jonathan Cohen e outros autores como aspectos que afetam o uso de palavras e noções: “convenção e motivação (...) significado emotivo, sinonímia, polissemia (...) e, transcendendo as fronteiras da linguagem (...) a ‘atmosfera’ geral, aspirações culturais e quadro moral peculiar da época”⁶. Uma forma de pôr isto em prática é comparar os textos médicos entre si e com outros tipos de escritos do período, inclusive literatura.

Outro aspecto a ser considerado preliminarmente diz respeito ao público ao qual os tratados estudados se dirigiam, uma vez que este, em geral, determina os modos de exposição nos textos. Exceto a *Recopilação de Cirurgia*, de Antonio da Cruz⁷, e a seção de medicina astrológica do *Reportorio dos Tempos*, de Valentim Fernandes⁸, endereçados a cirurgiões e outros praticantes da medicina fora do meio acadêmico, não fica claro como os textos médicos seriam utilizados. É certo, entretanto, que não se trata de manuais para uso de estudantes da área. Os prefácios e o arranjo interno dos tópicos discutidos sugerem que os tratados eram direcionados primeiramente aos sábios em medicina, grupo a que os próprios autores pertenciam, constituído de *medici et philosophi*, formados em cursos médicos na universidade, em geral também graduados em artes, com interesse no debate intelectual, incluindo medicina, ética, política, literatura, teologia e direito. Os tratados parecem ter sido escritos como contribuição a um universo amplo de discussão de questões inicialmente propostas pelas autoridades, e se estruturam de acordo com padrões de conteúdo e formas de exposição em geral adotados por pensadores formados na universidade⁹.

⁶ L. J. Cohen, *The Diversity of Meaning*, Londres, Methuen, 1966, pp. 74-75.

⁷ Lisboa, Miguel Deslandes, 1688. Há edições anteriores, em 1601 e 1630.

⁸ Lisboa, 1563.

⁹ Discussão mais circunstanciada dos pensadores médicos e seu contexto, em Portugal, no século XVI, encontra-se em Lígia Bellini, “Medicina e saber erudito em Portugal no Renascimento”, *Estudos Ibero-Americanos*, vol. XXVII, nº 1, Porto Alegre, 2001, pp. 43-74.

Muitas das representações do corpo, encontradas em textos médicos portugueses, tiveram que ser, aqui, por razões de espaço, deixadas de lado. São discutidas a seguir apenas as imagens mais proeminentes, quanto à frequência com que ocorrem e seu significado como expressão do universo intelectual da época.

O debate em torno das funções do coração e do cérebro, no corpo humano, gerou uma série de imagens políticas, cuja análise revela um variado espectro de relações com as idéias de Galeno¹⁰, desta forma pondo em questão a caracterização, sem matizes, do saber médico do período simplesmente como “galênico”. Imagens do coração e do cérebro derivam principalmente da disputa relativa às opiniões de Galeno e Aristóteles quanto às funções e à importância destes órgãos. Tal disputa constituía uma das controvérsias centrais na medicina desde meados do século XIII, e era comum considerar-se que, junto com outras diferenças a propósito de aspectos da fisiologia humana, distinguia os “médicos” dos “filósofos”¹¹. De modo geral, os doutores portugueses endossavam a concepção galênica, contra Aristóteles, de que o cérebro era o centro dos sentidos e do movimento e, em certa medida, o órgão mais importante no corpo. Associado a isto, tinham como referência a idéia platônica e galênica de que o cérebro, o coração e o fígado eram, respectivamente, sedes das potências racional, espiritual e apetitiva da alma, assim como das faculdades psíquica, vital e natural. No entanto, quando se examinam representações do coração e do cérebro nos textos médicos, há uma certa inconsistência entre estas e o quadro brevemente apresentado acima. O coração é mais frequentemente caracterizado utilizando-se imagens que sugerem posições de governo que o cérebro. Além disto, aquele é discutido mais extensivamente que este.

Um conjunto de imagens por meio das quais Antonio Luiz explica a relação entre estes dois órgãos expressa uma tentativa de reconciliar as opiniões de Galeno e Aristóteles quanto ao domínio sobre o movimento e os sentidos no corpo. Esta solução, comum na medicina dos finais da Idade Média, consistia em introduzir “uma hierarquia conceitual na qual o cora-

¹⁰ Médico grego que trabalhou em Roma no século II d.C. e a mais importante influência na medicina européia até o século XVII.

¹¹ Nancy G. Siraisi, *Medieval and Early Renaissance Medicine*, Chicago e Londres, University of Chicago Press, 1990, pp. 80-81 e 107.

ção governa o cérebro num sentido último ou filosófico, e o cérebro governa o sistema nervoso diretamente”¹². Luiz compara o cérebro a um filho que, já tendo recebido herança do pai (a quem o coração é comparado), não mais depende das decisões paternas quanto ao que foi herdado; ou a um chefe militar que, após assumir o comando do exército, de acordo com determinações do rei (que corresponde ao coração, na analogia), não necessita mais das ordens deste; ou ao fogo que, depois de receber seu poder calorífico do céu (correspondendo ao coração), nada mais precisa deste último, para queimar madeira; ou a seres humanos que, tendo recebido poder reprodutivo do sol (o coração, na analogia) não necessitam dele receber qualquer outro poder para se reproduzirem¹³.

Conquanto sugira a adoção de uma concepção da medicina medieval, o conjunto de imagens acima parece ter sido inicialmente inspirado numa fonte que se tornou disponível apenas no Renascimento, *De Placitis Hippocratis et Platonis*, de Galeno. Entretanto, tudo indica que o agrupamento das imagens na forma em que estão é da autoria de Luiz. Além disto, o médico português endossa concepção dos estóicos à qual Galeno se opõe, em *De Placitis Hippocratis et Platonis*. Este último critica “todos os médicos e filósofos”, particularmente os estóicos e, entre eles, Crisipo (c.279-206 a.C.), por acreditarem que o coração supria sensação e movimento ao cérebro. Galeno refere-se à opinião dos estóicos como a de que “o coração envia ao cérebro o começo da sensação e movimento, que então o cérebro fornece, através dos nervos, ao corpo como um todo; o cérebro é uma espécie de segunda fonte (...) comparável ao sátrapa do Grande Rei”¹⁴.

O coração é representado como um rei diversas vezes, nos textos médicos portugueses. Noutra passagem de *De Re Medica Opera*, opondo-se à visão de Aristóteles de que o coração é o último órgão a morrer, Luiz compara o coração a um rei no comando de um exército. A sobrevivência ou derrota do rei numa batalha é tão importante para o exército como o coração é importante com respeito à vida ou à morte do corpo. Se o coração / rei sobreviver, o corpo se manterá vivo; se morrer, o resto do corpo morrerá¹⁵.

¹² *Idem*, pp. 81-82.

¹³ *De Re Medica Opera*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1540, fol. 67v.

¹⁴ Galeno, *On the Doctrines of Hippocrates and Plato*, Edição, tradução e comentário por Phillip de Lacy, Berlim, Akademie-Verlag, 1980, 2 vols., Livro II 6.13-15, p. 151.

¹⁵ *De Re Medica...*, *op. cit.*, fol. 59v.

Antonio da Cruz também faz analogia do coração com um rei para ilustrar o domínio e a localização do órgão no corpo. Na *Recopilaçam de Cirurgia*, Cruz afirma que “O coração he a principal parte das de dentro do peito, o qual é principio da vida, & assim como Rey, está no meio do peito (...)”¹⁶.

No poema intitulado “Microcosmographia, e Descrição do Mundo Pequeno, que é o Homem”, de André Falcão de Resende, composto com base em tratados anatómicos, o coração é referido como uma figura de grande autoridade e dignidade, governando a todos no “edifício” ao qual o corpo humano é comparado¹⁷. O coração é o primeiro órgão que o protagonista do poema escolhe encontrar na sua viagem pelo interior do corpo humano. Funções de governo do cérebro também são referidas, mas remetendo à imagem do filósofo, expressando idéia platônica, cara aos humanistas¹⁸.

A cabeça e o cérebro são por vezes associados à noção de rei, nos tratados portugueses, mas de uma forma diferente das analogias entre este e o coração. Um exemplo ocorre na dedicatória a D. João III de *Problematum libri quinq*, de Antonio Luiz. O autor faz referência à sociedade portuguesa como um corpo, e ao rei, como a cabeça, afirmando que “os reis favorecem os vassallos como a cabeça o faz em relação aos demais membros”¹⁹. Thomaz Rodrigues da Veiga usa imagem similar na dedicatória de sua *Opera omnia in Galeni libros edita* a D. Sebastião, caracterizado como “a cabeça de tantos povos”²⁰. Nestas passagens, não é o corpo ou uma de suas partes que são enfocados. A cabeça é o objeto ao qual o rei, foco das formulações, é comparado, num sentido inverso ao das imagens envolvendo o coração²¹. Além dis-

¹⁶ *Recopilaçam...*, *op. cit.*, p. 32.

¹⁷ *Microcosmographia* (Com outros poemas), Lisboa, s/e, 1865?, Canto II, 9, p. 23. Para análises do poema, ver Luis de Pina, *A Cultura Anatómica em Portugal no Século XVI e a 'Microcosmografia' de André Falcão de Resende*, Coimbra, Coimbra Editora, 1946; e “As ‘Anatomias’ de Ávila (1542) e Monserrate (1550) e a ‘Microcosmografia’ de Falcão de Resende”, *Separata do Jornal do Médico*, 41, 1942.

¹⁸ *Microcosmographia*, Canto II, 20-24. Análise das formas de circulação e da importância das idéias humanistas no contexto aqui estudado encontra-se em Bellini, “Representations of the Human Body in Sixteenth-Century Portugal”, Tese de Doutoramento, University of Essex, Colchester, Inglaterra (mimeo.), 1992, esp. cap. 4.

¹⁹ Lisboa, Luís Rodrigues, 1539.

²⁰ Lyon, Petrum Landry, 1587.

²¹ Análise das implicações da posição de certos termos, como referência, em comparações, é feita em Arber, “Analogy...”, *op. cit.*, Montagu (Ed.), *Studies and Essays...*, *op. cit.*, p. 223.

to, é a cabeça, e não o cérebro, que é mencionada. Pode-se afirmar que as imagens têm uma relação com a concepção galênica da preeminência do cérebro, mas apenas indiretamente.

Um outro exemplo, no qual a imagem do rei é associada à cabeça ou ao cérebro, encontra-se na discussão das funções deste último em *De Re Medica Opera*. Luiz aponta como correta a concepção galênica do cérebro como centro dos sentidos, com o qual os órgãos dos sentidos se comunicam. Concluindo seu argumento, afirma: “o cérebro, encontrando-se na cabeça como no lugar de um grande rei, mantém o princípio da alma, tendo os sentidos em torno de si, como guarda-costas. A cabeça é para o homem o que o céu é para o universo; este é a morada dos deuses, aquela a morada da razão”²². Uma vez mais, tudo indica que Luiz, tendo partido de um texto de Galeno, expressa uma idéia própria. A inspiração para a analogia parece ter-se originado em *De Placitis Hippocratis et Platonis*, mas ela tem um sentido específico no texto de Luiz. A imagem foi inicialmente formulada por Platão (*Leis*, 964)²³ e era de uso comum no tempo de Galeno, que a cita como não sendo prova adequada de que o cérebro abrigava a parte central da alma:

Porque o cérebro, como o Grande Rei, habita a cabeça como uma acrópolis, isto não necessariamente implica que a parte mais importante da alma encontra-se no cérebro; nem porque o cérebro tenha os sentidos em torno dele como guarda-costas; ou mesmo se se afirmasse que, como o céu está para o universo, a cabeça está para o homem, e que, desta forma, como o primeiro é a morada dos deuses, o cérebro é a morada da faculdade racional (...) um conhecimento preciso não pode fundar-se em tais afirmações (...) ²⁴.

Galeno também critica o uso desta analogia como prova da posição de governo do cérebro no corpo, no Livro Oito de *De Usu Partium*²⁵.

Além da sua relação com as idéias de Galeno e Platão que, conforme foi observado anteriormente, é mais complexa que a simples afiliação, as imagens políticas encontradas nos tratados médicos portugueses associam-

²² *De Re Medica...*, *op. cit.*, fol. 76r.

²³ *The Dialogues of Plato Translated into English*, com análises e introduções de Benjamin Jowet, Oxford, Clarendon Press, 1892, 5 vols., vol. 5.

²⁴ *On the Doctrines...*, *op. cit.*, Livro II 4.17-18, p. 121.

²⁵ *On the Usefulness of the Parts of the Body*, Tradução do grego com introdução e comentário por Margaret Tallmadge May, Ithaca, New York, Cornell University Press, 1968, 2 vols., Livro Oito [I, 445].

se a representações nos textos de Aristóteles. Em *De Partibus Animalium* III.7 [670 a 20], o coração é descrito como “a cidadela do corpo”²⁶. Em *Parva Naturalia* III [469 a 5-10], Aristóteles afirma que o coração “tem controle supremo”. Ele também faz referência ao coração como “o órgão dominante” e “o órgão supremo dos sentidos”²⁷.

Por mais que o uso, por pensadores antigos, da imagem do rei para expressar lugares de comando tenha influenciado os autores portugueses, é plausível supor que esta imagem tinha significado especial no Portugal renascentista, visto que ocorre frequentemente em diferentes tipos de texto. A palavra “rei” está entre os substantivos mais frequentes em *Os Lusíadas*, de Camões, aparecendo 230 vezes, menos vezes apenas que os termos “gente” e “terra”²⁸.

A idéia de um órgão como um rei implica a do corpo como um organismo social, encontrada em obras portuguesas do período, como o *Retrato del Perfecto Medico*, de Henrique Jorge Henriques²⁹; a “Microscosmographia”, de Falcão de Resende³⁰; e a *Ropicapnefma*, de João de Barros³¹. Afonso Rodrigues de Guevara, com base em Galeno, descreve a função do fígado e sua relação com os demais órgãos da nutrição por meio de imagens sociais. Segundo o autor, o fígado é o principal entre os órgãos da nutrição, que lhe

²⁶ *The Works of Aristotle Translated into English*, Ed. William David Ross, Oxford, s/e, 1952-1963, 12 vols., vol. 5.

²⁷ *Idem*, vol. 3.

²⁸ A. G. Cunha (Org.), *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1966, 3 vols.

²⁹ Salamanca, Renaut Impressores, 1595, pp. 208-209.

³⁰ *Microcosmographia*, *op. cit.*, Canto II, *passim*.

³¹ Lisboa, 1532, Reprodução fac-similada, *Leitura modernizada, notas e estudo de Israel S. Revah*, 2 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983, pp. 32-33. Yvonne David-Peyre sugere que metáforas sociais do corpo, comuns na Península Ibérica no século XVI, se deviam à grande circulação da *Theologia Naturalis, sive Liber creaturarum* (1487), do filósofo e médico espanhol Raymond Sebond (?-1432), que trabalhou na França. “La Alegoria del Cuerpo Humano en la Península Ibérica del Siglo de Oro”, *Asclepio* (Archivo Iberoamericano de Historia de la Medicina y Antropología Médica), vol. 28, 1976, pp. 243-254, pp. 243-244. Sobre a influência do *Liber creaturarum*, de Sebond na *Ropicapnefma*, ver I. S. Révah, “Le colloque *Ropicapnefma* de João de Barros. Gênese, structure et technique”, *Bulletin Hispanique* 64 (bis), 1962, pp. 572-592, pp. 576-577. Imagens sociais em representações do corpo na Península Ibérica podem, ao menos em parte, ter derivado diretamente dos textos de Galeno. Exemplo disto é a representação, discutida a seguir, da relação do fígado com os demais órgãos da nutrição, por Afonso Rodrigues de Guevara.

são submetidos “como servos”³². Como observam Temkin e Lloyd, o uso de analogias políticas e sociais para descrever ou explicar fenômenos naturais em geral expressa a tentativa de compreender tais fenômenos da perspectiva da idéia de ordem³³. Desta forma, pode-se dizer que as imagens sociais e políticas que se encontram nos textos portugueses indicam a tentativa, por parte dos seus autores, de apresentar uma visão sistemática do organismo humano, compreendido como um todo organizado, por analogia com a ordem social. Estas imagens, além disto, expressam concepções hierárquicas tanto do corpo quanto do organismo político. Na sua base, está a idéia de que ambos os corpos constituem a união de elementos distintos em função e significado³⁴.

O rei representa o princípio de governo³⁵, um significado evidentemente expresso nas imagens examinadas acima. Desta forma, as representações do coração como um rei podem ter sido um meio pelo qual afiliações ao escolasticismo aristotélico foram expressas num contexto onde os autores se declaravam seguidores de conceitos genuinamente galênicos. Como nota Ian Maclean, “estratégias lingüísticas podem servir para resolver contradições e deslocamentos no pensamento; podem também atuar nele como forças conservadoras”³⁶. É significativo que estas representações ocorram principalmente nos textos dos autores mais expostos às idéias de Aristóteles. *De Re Medica Opera*, de Antonio Luiz, foi escrita nas primeiras décadas do século XVI (foi publicada em 1540). Luiz ensinou as doutrinas de Aristóteles na

³² *In pluribus ex ijs quibus Galenus impugnatur ab Andrea Vesalio Bruxelēsi in cōstructione & usu partium corporis humani, defensio*, Coimbra, João de Barreira, 1559, p. 250. Esta e outras metáforas sociais encontram-se na análise de Galeno dos instrumentos da nutrição. Ver *On the Usefulness of the Parts...*, *op. cit.*, Livro Quatro [I, 195-197], pp. 204-205.

³³ Owsei Temkin, “Metaphors of Human Biology”, R. C. Stauffer (Ed.), *Science and Civilization*, Madison, University of Wisconsin Press, 1949, pp. 167-194, esp. p. 192; Lloyd, *Polarity and Analogy...*, *op. cit.*, pp. 225-226. Para relações da noção de realza com a de ordem social ou ordem cósmica no pensamento grego antigo, ver R. Goodenough, “The Political Philosophy of Hellenistic Kingship”, *Yale Classical Studies* I, 1928, pp. 55-102.

³⁴ Leonard Barkan, *Nature's Work of Art: The Human Body as Image of the World*, New Haven e Londres, Yale University Press, 1975, pp. 78-79.

³⁵ Ver, entre outros, J. E. Cirlot, *A Dictionary of Symbols*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1978, pp. 167-168.

³⁶ *The Renaissance Notion of Woman: A study in the fortunes of scholasticism and medical science in European intellectual life*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, p. 90.

Universidade de Coimbra³⁷. A *Recopilaçam de Cirurgia*, de Antonio da Cruz, funda-se extensivamente em conhecimento médico medieval³⁸.

Outras idéias com as quais o coração e o cérebro são associados nos tratados médicos contribuem para a compreensão da importância relativa destes órgãos. Trata-se das noções galênicas de *vivere* e *bene vivere* (“estar vivo” e “viver bem”). Segundo Galeno, há três tipos de utilidade das partes do corpo: manter a vida, tornar a vida melhor e preservar a raça. As partes ligadas à manutenção da vida devem ser consideradas essenciais, com as demais decrescendo em importância, na medida de sua distância funcional em relação às primeiras³⁹. Associações do coração com manter a vida e do cérebro com viver bem ocorrem diversas vezes na *Opera omnia in Galeni libros*, de Rodrigues da Veiga. Um exemplo é a passagem em que o autor discute qual é o órgão mais importante no corpo. Ele argumenta que, se a preeminência for definida em termos da manutenção da vida, o coração é mais importante. Se, por outro lado, o critério for “a dignidade de função”, então o cérebro é o mais importante entre os dois órgãos, “na mesma medida em que sentir e movimentar-se, quer dizer, viver bem é melhor que simplesmente viver”⁴⁰.

Antonio Luiz também faz referência à noção galênica dos três tipos de utilidade das partes, concluindo que as mais importantes são as necessárias para manter a vida⁴¹. A associação ocorre ainda em *De universa mulierum Medicina*, de Rodrigo de Castro, quando o autor discute a ordem na qual os órgãos principais do corpo são gerados no embrião⁴². Castro discorda das razões, segundo ele apontadas por Galeno, pelas quais os principais órgãos são gerados em tempos diferentes, e também da conclusão de que o cérebro é gerado após o coração⁴³. Mas sua menção às noções de *vivere* e *bene vivere*

³⁷ Alberto da Rocha Brito, *A Faculdade de Medicina no Século XVI*, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1937, pp. 5-15; José Sebastião da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, pp. 43-44.

³⁸ Bellini, “Medicina e saber erudito...”, *op. cit.*, Seção III.

³⁹ *On the Usefulness of the Parts...*, *op. cit.*, Livro Seis [I, 318], p. 292.

⁴⁰ *Opera omnia...*, *op. cit.*, p. 47. Ver também pp. 24 e 356.

⁴¹ *De Re Medica...*, *op. cit.*, fols. 54v-55r.

⁴² *De universa mulierum Medicina...*, *op. cit.*, Pars Prima Theorica, Hamburgo, Philippe de Ohr, 1603, p. 96.

⁴³ A idéia de que o cérebro é gerado depois do coração e de que ambos os órgãos são gerados após o fígado não se encontra em *De Usu Partium*. Galeno apenas argumenta que o fígado é

reforça a idéia de que estas eram correntes na época. Sugestão de que o cérebro era menos essencial para manter a vida é ainda feita na definição de corpo humano de Antonio da Cruz: “hum composto de muitos, & diversos membros, & particulas, ornado de razão”⁴⁴.

A relação entre o coração e a vida humana é ainda sugerida num desenho de Francisco de Holanda, intitulado “A criação de Adão do pó da terra”. Nele, o criador é representado dando vida ao primeiro homem, na forma de raios partindo da sua boca e mãos e dirigindo-se a partes do corpo de Adão. Um feixe de raios liga a boca de Deus ao coração de Adão, um enorme coração, o único órgão interno mostrado no seu corpo⁴⁵. A imagem possivelmente representa a idéia neoplatônica do amor como o motivo pelo qual Deus difunde sua essência no mundo e que, inversamente, faz com que suas criaturas procurem reunir-se a ele⁴⁶. Entretanto, observando-se a forma como Adão é representado recebendo a vida, é difícil não relacioná-la com as idéias aqui exploradas.

Ainda um outro tipo de conexão simbólica pode iluminar as razões da preeminência do coração sobre o cérebro, nos textos médicos portugueses. Trata-se da idéia do coração como sede de uma das três partes da alma, na concepção de Platão e Galeno – a alma espiritiva – e seus atributos de coragem e bravura, uma idéia bem estabelecida na literatura ibérica. Na *Opera omnia in Galeni libros*, de Veiga, estes atributos são tidos como sinais de um coração quente na correta medida⁴⁷. Há diversas referências ao coração como sede da bravura, na literatura portuguesa da época. João de Barros, no *Dialogo sobre preceptos moraes*, menciona Fortaleza, “hua virtude q faz a quem a tem, nã ser temeroso de honesta morte”, como uma das virtudes tendo a

“muito forte desde o início da sua geração, porque o encéfalo, o coração e os instrumentos que crescem destes têm que se beneficiar das veias; sem sangue estes não podem ser gerados ou crescer, enquanto, antes de estarem prontos, o fígado e as veias pouco necessitam das artérias e nada dos nervos”. *On the Usefulness of the Parts...*, *op. cit.*, Livro Quinze (II, 359-360], pp. 669-670.

⁴⁴ *Recopilaçam...*, *op. cit.*, p. 14.

⁴⁵ Reproduzido em Sylvie Deswarte, *As Imagens das Idades do Mundo de Francisco de Holanda*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, figura 18.

⁴⁶ Erwin Panofsky, *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance*, New York e Londres, Harper and Row, 1972, p. 141.

⁴⁷ *Opera omnia...*, p. 50.

potência espiritual da alma como centro⁴⁸. Na “Microcosmographia”, Falcão de Resende descreve alegoricamente o coração como “Parecendo manco ainda e valente”⁴⁹. A associação tem ênfase particular em *Os Lusíadas*. O termo coração é, no poema, por vezes utilizado para designar a própria coragem e, por vezes, aparece como sede desta⁵⁰.

As relações simbólicas acima encontram-se na poesia épica espanhola, escrita séculos antes de *Os Lusíadas*. Colin Smith, em estudo sobre o papel de partes do corpo como referências simbólicas nos épicos medievais espanhóis, nota que o conceito de bravura está presente na própria formação da palavra “corazón”, relacionada à noção do coração como sede da coragem. O autor, além disto, aponta a afiliação etimológica dos termos “courage” (no inglês e francês) e “corage” (no espanhol) à palavra latina designando “coração” (“cor”)⁵¹.

Segundo Smith, o coração é o único órgão, entre as partes externamente não-visíveis do corpo, com significado simbólico nos épicos espanhóis⁵². O autor nota ainda a ausência de frases com o termo “cabeza” na literatura por ele analisada⁵³. Isto não se verifica em *Os Lusíadas*, em que a palavra “cabeça” aparece muitas vezes, apesar de menos frequentemente que “coração”⁵⁴. Não há frases com a palavra “cérebro” no épico português, nem o termo “cabeça” é usado para designar “cérebro” diretamente. No entanto, em cinco passagens do poema, “cabeça” expressa metaforicamente a mais importante parte de um todo⁵⁵, um significado que parece estar relacionado à noção galênica da supremacia do cérebro no corpo, mas indiretamente. Uma destas passagens consiste numa metáfora semelhante às encontradas nas

⁴⁸ *Diálogo de Joam de Barros com dous filhos seus, sobre preceptos moraes, em modo de jogo*, Lisboa, João de Barreira, 1563, s/p.

⁴⁹ *Microcosmographia*, *op. cit.*, Canto II, 8 e 13.

⁵⁰ Cunha (Org.), *Índice...*, *op. cit.*, vol. A, Cantos X, 20 e 31; II, 59; I, 89; III, 108; IV, 21 e 29; V, 38 e 74; VI, 64.

⁵¹ “La Fraseologia ‘Física’ del Lenguaje Épico”, Smith, *Estudios cidianos*, Madrid, Cupsa Editorial, 1977, pp. 219-289, pp. 271-272.

⁵² *Idem*, p. 281. Devo esta idéia ao professor Evanildo Bechara, a quem agradeço ainda pela gentileza de me enviar cópia do artigo de Smith, citado aqui.

⁵³ *Idem*, p. 263.

⁵⁴ Ver Cunha (Org.), *Índice...*, *op. cit.*, vol. A, p. 111.

⁵⁵ Cantos II, 84; III, 17; III, 20; VII, 22; X, 123.

dedicatórias de Antonio Luiz, em *Problematum libri*, e de Veiga, na *Opera omnia in Galeni libros*, aos reis João III e Sebastião, respectivamente, já referidas neste artigo, nas quais é feita analogia da sociedade portuguesa a um corpo, de que o rei é a cabeça: “E porque he de vassallos, o exercicio, / Que os membros tem regidos da cabeça”⁵⁶.

É lícito supor que a preponderância do coração nos textos médicos portugueses se relaciona, além de outros fatores discutidos neste artigo, à importância simbólica deste órgão na literatura. As associações semânticas, brevemente apresentadas acima, com toda probabilidade tiveram especial eco em Portugal no século XVI, onde as viagens de descobrimento fizeram emergir um espírito épico. Eram comuns, no período, as referências à ousadia e à bravura dos portugueses em levar a cabo as explorações marítimas⁵⁷. O conhecimento médico em Portugal, nos começos da época moderna, integrava este contexto cultural amplo, em que os diferentes saberes não estavam separados uns dos outros. Um indício da relação aqui proposta é o comentário de Veiga quanto aos sinais de um coração quente: “coragem e ousadia em enfrentar tarefas difíceis”⁵⁸, um adendo, ao que parece, criado pelo autor.

Sumariamente, conforme discutido acima, diferentes tipos de razões se combinam para explicar uma certa preeminência do coração sobre o cérebro, nos tratados portugueses sobre biologia humana. Em primeiro lugar, esta expressa a permanência, entre pensadores que se declaravam seguidores de Galeno, de idéias aristotélicas e da prática escolástica de procurar conciliar as opiniões das autoridades. Em segundo lugar, indica uma ênfase na idéia de manutenção da vida, ao invés dos “menos essenciais” sentidos e razão, uma visão que deriva de uma interpretação particular do pensamento galênico. Em terceiro lugar, a valorização do coração possivelmente se deve ao influxo, sobre as obras médicas, de fatores externos ao debate intelectual

⁵⁶ Canto II, 84.

⁵⁷ Isto é apontado por diversos historiadores que estudaram a cultura portuguesa no tempo das viagens marítimas. Um quadro geral deste contexto é apresentado em Bellini, “Notas sobre Cultura, Política e Sociedade no Mundo Português do Século XVI”, *Tempo*, vol. 7, Rio de Janeiro, 1999, pp. 143-167. Análise interessante e bem documentada da associação aqui enfocada encontra-se em Reger Hooykaas, *Humanism and the Voyages of Discovery in 16th Century Portuguese Science and Letters*, separata de *Mededelingen Der Koninklijke Nederlandse Akademie Van Wetenschappen, Aft. Letterkunde*, 42 / 4, Amsterdam e New York, Noord-Hollandsche U. M., 1979, pp. 21-24.

⁵⁸ *Opera omnia...*, *op. cit.*, p. 50.

na medicina. Deriva da associação deste órgão, através da concepção galênica do coração como centro da potência espiritual da alma, com a atmosfera épica que emergiu, no Portugal quinhentista, com as viagens de descobrimento e guerras de conquista.

A relevância dada ao coração e suas funções de manter a vida e constituir o centro da coragem e da bravura remete a uma ênfase no vigor físico, em detrimento da potência mental, nos seres humanos. Há um inegável contraste entre esta ênfase e o apreço do platonismo humanista pela natureza intelectual do homem. Este é outro aspecto que indica a complexidade das relações entre a adoção de novas idéias e a permanência de antigos pressupostos com respeito à natureza humana, atestando a imbricação de formas de pensamento medievais e renascentistas no contexto português.

Por fim, resta refletir sobre o que as representações examinadas indicam quanto ao desenvolvimento da observação empírica, no saber médico em Portugal. Em sua maior parte, estas representações não podem ser qualificadas como expressão de uma abordagem empírica mais consistente. Algumas delas sugerem a influência de modos de pensar mágicos ou ocultos, a exemplo da concepção do coração e do cérebro como sedes de potências específicas da alma, e as associações entre condições físicas destes órgãos (quente / frio, úmido / seco) e características psicológicas. Este é também o caso da tendência dos autores a considerar que o argumento analógico serve de demonstração de fenômenos no corpo humano. Um exemplo é a aceitação, por Antonio Luiz, da analogia entre o coração e um rei no comando de um exército, como demonstração de que o coração não é o último órgão a morrer, no corpo.

De modo geral, como foi apontado em diferentes momentos neste artigo, as imagens analisadas indicam a estreita ligação dos autores médicos portugueses com a tradição de comentário, e sua dependência em relação aos textos das autoridades na área, ao invés da observação empírica. A despeito destas características comuns, diferentes usos do argumento analógico sugerem um espectro, embora não muito variado, de atitudes com respeito ao saber médico. Num extremo está Antonio Luiz, cujas obras são as mais ricas em imagens e pensamento analógico, e que pode ser considerado o mais distante da observação empírica e da prática médica, entre os doutores estudados. Noutro extremo, encontra-se Afonso Rodrigues de Guevara, que faz uso de analogia de forma mais limitada, e diferente em natureza, que Luiz. Este último, possivelmente sob influência da ênfase humanista em

retórica, parece considerar as qualidades literárias de artefatos lingüísticos como mais importantes que o seu potencial heurístico e ilustrativo, de um ponto de vista mais científico. Ao invés de ter como objetivo central explicar objetos e fenômenos, suas imagens parecem ser, em grande medida, ornamentos de estilo. Não parece ser o caso de Guevara, que recorre à analogia principalmente para elucidar funções ou descrever a forma de partes do corpo por meio de comparação com objetos similares, tendendo a abandonar a comparação tão logo cessem as similaridades. Seu uso do procedimento analógico pode ser exemplificado pela afirmação, fundada em Galeno, de que as fibras externas dos músculos intercostais se cruzam como a letra grega X⁵⁹; ou a comparação, também com base em Galeno, entre processos digestivos no estômago e no fígado e a fermentação do vinho⁶⁰. Nestes e noutros exemplos, Guevara não segue propondo correspondências entre os objetos comparados. Parece menos preocupado com os atributos poéticos de artefatos lingüísticos do que com suas qualidades explanatórias. Tudo indica que Guevara era o mais independente, em relação aos textos das autoridades, entre os autores médicos em Portugal, no século XVI⁶¹. Com base nos usos diversificados do argumento analógico, talvez se possa afirmar que, no decorrer do período investigado, ocorre uma mudança da predominância de influências humanistas, associadas à tendência à preservação da síntese escolástica, até um ponto em que uma certa atenção empírica coexiste com as formas de abordagem anteriores.

Por outro lado, as diferenças acima devem ser vistas em termos relativos, visto que tanto Guevara quanto Luiz se baseavam extensivamente nos escritos de Galeno. Junto com outros autores no seu contexto, eles estavam primeiramente ligados a uma tradição de comentário textual, com a observação empírica tendo um papel secundário. Como grande parte dos homens de letras do Renascimento, os médicos portugueses atuavam centralmente de acordo com modos de pensar herdados dos seus predecessores.

⁵⁹ *In pluribus...*, *op. cit.*, pp. 88 e 93. Esta comparação ocorre em Galeno, *On Anatomical Procedures*, Tradução, introdução e notas de Charles Singer, Londres e New York, The Wellcome Historical Medical Museum; Oxford University Press, 1956, Livro V, Cap. 4 (502), p. 132.

⁶⁰ *In pluribus...*, *op. cit.*, p. 254. Para a fonte original desta comparação, ver Galeno, *On the Usefulness of the Parts...*, *op. cit.*, Livro Quatro [I, 197-198], pp. 205-206.

⁶¹ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, 2 vols., Lisboa, Manoel Gomes, 1899, vol. 1, pp. 221-223; S. Costa Santos, *O Início da Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos, 1504-1565*, Lisboa, 1925, pp. 23ss.; Rocha Brito, *A Faculdade...*, *op. cit.*, pp. 56-62.